

livro), com similitudes a estudo de caso, mas não coincidente por limitações que são apontadas. Conceptualizam-se então as culturas e identidades deste contexto, tendo sempre presente a hipótese de Sainsaulieu (1974) de que o local de trabalho, e neste caso a escola, é um espaço de reconhecimento identitário dependente das relações de poder interno e das posições ocupadas pelos indivíduos e pelos grupos de pertença, sem que tal signifique uma «correspondência positiva» entre modelos de identidade e categorias profissionais concretas ou que a escola se constitua como o espaço privilegiado de reconhecimento da identidade social dos professores. Isto implica que a criação de novas identidades na escola seja articulada com a constituição de espaços

de referência profissional externos fortes (p. 199), o que nos leva a reafirmar que os professores tenderão a passar, na construção da sua identidade profissional, por fases diversificadas que podem ir de um «profissionalismo difuso», cheio de contradições entre a integração-diferenciação exprimindo «identidades instáveis», até um tipo de profissionalismo que traduza a construção de uma «identidade estratégica» (Estevão e Afonso, 1991, 162).

Depois de tudo o que dissemos, pensamos não valer a pena insistir que estamos, na verdade, perante uma obra que indicia mais altos voos do autor, merecedora de ser lida e reflectida.

CARLOS VILAR ESTEVÃO

Les Histoires de Vie

Gaston Pineau e Jean-Louis Le Grand, Paris: PUF, Que sais-je?, 1993, 126 páginas

As histórias de vida estão hoje em moda, num momento em que as ciências humanas e sociais enveredam pela busca de objectividade na subjectividade das metodologias qualitativas.

Em nosso entender, devem, no entanto, ser um caminho a optar, entre muitos outros, ou a completar esses mesmos, na busca de respostas às questões que se levantam numa pesquisa. Elas não são, em absoluto, a tábua de salvação para o devir das ciências sociais, mas são certamente uma redescoberta inegavelmente rica, multiforme e multifuncional, capaz de dar respostas a quem entende o

individual como produto duma construção social, que é, portanto, um processo com início, meio e fim.

Não são, pois, mero passado. São processos históricos, na acepção plena da palavra. É assim que a vida individual e social não pode ser considerada um dado, mas sim uma construção em auto-reorganização permanente.

«Viver não é fácil. Ganhar a vida também não. Compreender a vida muito menos».

O desafio de compreender a vida, através de biografias e genealogias, parece-me um método cheio de potencialidades do qual a educação moderna pode servir-se, no entendi-

mento das representações sociais e na mudança desejável, em face das novas exigências sociais.

As histórias de vida começam a ser utilizadas para buscar o entendimento da cultura dos professores e outros educadores formados nas circunstâncias da vida, com modelos que rejeitaram ou assimilaram na, e para além da própria escola.

Na formação de adultos, elas são utilizadas com a finalidade de analisar e reelaborar o saber da experiência. A reflexão sobre as histórias de vida, ou mesmo sobre a autobiografia, visa não só o autoconhecimento ligado ao saber ser, mas também ao conhecimento geral, mais ligado ao saber.

É nesta conjuntura científico/pedagógica, que o livro de Gaston Pineau e Jean-Louis Le Grand é dado à estampa na Puf, em 1993. É não só uma boa introdução geral à metodologia das histórias de vida, feita por especialistas com múltiplos textos e livros publicados sobre a problemática, como também um guia que adianta sugestões biográficas, quer de obras publicadas recentemente quer dos números das principais revistas consagradas na área em apreço, para quem quiser enveredar pelos estudos biográficos.

Os autores começam por afirmar que as práticas de «histórias de vida» são muito variadas. Questionam sobre as novidades para que estas práticas remetam: se para a sede humana do saber e do poder; sobre a própria vida; se para as ciências humanas; se para a intervenção social; se para a autoformação dos actores sociais; se para uma arte de construir conhecimento, ou de governar.

A problemática inscreve-se, por um lado, na questão de saber se traduzir a vida em

palavras é uma ilusão ou uma revolução na construção do saber científico; por outro lado, como começá-la e como terminá-la.

A problemática das histórias de vida é trabalhada pelos autores como processo de pesquisa e construção de sentido, a partir de factos temporais pessoais.

Primeiro, consideram como sendo o grau zero das histórias de vida a existência de uma vida privada não só de expressão, mas também de expressão pessoal acerca de momentos para além do imediato. Trata-se de uma vida sem memória. Segundo, consideram as pequenas histórias de vida quotidiana e práticas da vida corrente onde se inscrevem: 1 – as práticas intergeracionais, quer dizer, os testemunhos sobre os acontecimentos sociais, tais como guerras e condições de vida antiga, veiculadas na maioria das vezes pelos avós, às questões da criança sobre a curiosidade dos tempos idos correspondem os testemunhos dos mais idosos; 2 – a informação veiculada entre pares. O exemplo da partilha de histórias e de recordações entre amigos, adolescentes e namorados que se confiam mutuamente; 3 – os aniversários, e particularmente os 10, 20, 30, 70, 80, 90 e 100 anos, que assinalam as passagens fundamentais e incitam a fazer o ponto de situação de cada vida; 4 – os documentos e objectos diversos que remetem para a memória duma viagem, dum aniversário, dum baptizado, etc.; 5 – por último, os autores referem, ainda dentro das práticas da vida corrente, as ocasiões em que se é obrigado a fazer o ponto da situação da vida, da escola, da profissão: a elaboração do *curriculum vitae* obriga a rever o passado, a datá-lo, a escrevê-lo e a dá-lo a ler.

Terceiro, Pineau e Le Grand reflectem

sobre as práticas da vida cultural, onde consideram: *as comemorações* que encerram rituais ligados tanto à vida de uma pessoa, como à própria comunidade; *histórias de vida das colectividades*, perspectiva de memória colectiva que se constrói a partir de escritos de indivíduos privilegiados do grupo, como é o caso dos ecomuseus, que utilizam uma história de vida como meio de produção cultural, metodologia de educação popular; *literatura pessoal*, que testemunha por vezes a vida de uma aldeia através do tempo ou a vida de prisioneiros em campos de concentração; *audio-visual e cinema*, documentários que podem ter um interesse didáctico e educativo, quando apelam ao testemunho das pessoas.

Em quarto lugar, a obra aponta *as práticas profissionais específicas*, que utilizam a história de vida directamente numa actividade profissional. É o exemplo dos técnicos de orientação escolar e profissional, assim como dos técnicos de recrutamento dos recursos humanos.

Por último, nesta constatação das práticas multiformes das histórias de vida, os autores debruçam-se sobre as práticas disciplinares de investigação nas ciências que designam de antro-po-sociais. Destacam a etnografia e as histórias de vida social onde se trata, normalmente a propósito de um objecto preciso, de recolher uma ou mais histórias de vida e de as cruzar entre si. Na tradição antropológica, e a partir da escola de Chicago, a corrente aparece ligada a outras formas de investigar no terreno. Trata-se de procurar compreender o sentido que os actores sociais dão às suas próprias práticas e aos acontecimentos de que são protagonistas, metodologia próxima da sociologia compreensiva que advém de Max

Weber. Dá particular atenção também à sociologia, à psicologia e psicanálise, à literatura e linguística e à educação e formação de adultos. Quanto à primeira, a obra debruça-se sobre as influências de Daniel Bertaux, em França, e a mudança qualitativa ocorrida nos estudos sociológicos, marcados muitas vezes por meros inquéritos estatísticos. O trabalho biográfico orienta-se aqui no sentido duma análise de práticas e processos sociais.

Quanto à última, refere-se a história de vida não só como abordagem de investigação, mas também como prática de formação.

O capítulo dois, percorre o eixo temporal desde a cultura grega até ao século XIX, constatando as origens da prática das histórias de vida escritas. Na cultura grega, as histórias de vida escritas aparecem no século V a.c. sob o nome de «bios». Era preciso esperar 10 séculos para chegar à designação «biografia» e 24 séculos para chegar o termo «autobiografia».

Todavia, a primeira obra a aliar registos autobiográficos e a consciência de si surge apenas 400 anos d.c. com as confissões de Santo Agostinho. As confissões de Santo Agostinho, e mais tarde de Rousseau, podem ser vistas como reconhecimento das suas vidas, com os seus limites, mas simultaneamente constatando o ilimitado da própria vida. Em 1571, Montaigne, então com 38 anos de idade, retoma o hábito familiar dos escritos quotidianos. Em 1580 publica *Os Ensaíos* – simultaneamente autobiografia e jornal íntimo.

No século XVIII e XIX, proliferou na Europa uma verdadeira explosão de confissões, memórias, recordações e histórias de vida, publicados sob conceito de autobiografia, que surge pela primeira vez por volta dos anos de 1800.

O capítulo terceiro da obra enfatiza a filiação das «histórias de vida» na antropologia e na sociologia. É referida a etnografia como dizendo respeito tradicionalmente a um trabalho de observação, de descrição de situações particulares, enquanto a etnologia trata estes materiais de forma comparativa. É a antropologia americana que mais utiliza as histórias de vida. Nos anos 20, já Malinowski era sensível à importância do inquérito no trabalho de terreno, enquanto muitos outros apenas trabalhavam a partir dos dados obtidos de informadores. Também a escola francesa, iniciada por Marcel Mauss, insiste sobre a mesma observação concreta dos dados e sua descrição.

Por seu lado, Lévi-Strauss, tanto reconhece um valor excepcional às histórias de vida, como as considera como não científicas, na linha de Durkheim de observar os factos sociais como coisas, o que o faz afirmar que as histórias de vida fazem mais reviver do que aquilo que ensinam.

O primeiro trabalho de antropologia baseada exclusivamente em histórias de vida é, sem dúvida, a obra de Oscar Lewis, *Os filhos de Sanchez*. Lewis deu testemunho de diversos membros da família Lewis: pai, mãe e quatro crianças.

A escola de Chicago é para a sociologia uma viragem de 180 graus: à abordagem quantitativa alia-se a qualitativa, e nesta retoma-se a metodologia das histórias de vida. É uma «redescoberta» da importância da descrição dos universos singulares do quotidiano como representativos dos factos sociais. Citam-se os trabalhos de Goffman, Becker, Garfinkel, Schutz, Berger e Luckmann.

Em França, são os seguidores de Bertaux que nos anos 70 dão crédito aos trabalhos da

escola de Chicago e os desenvolvem no cruzamento de influências marxistas e antropológicas.

A chegada tardia das histórias de vida ao discurso francês das ciências sociais é, todavia, saudado por Pierre Bourdieu como «uma destas noções de senso comum que entraram no universo do saber» (P. Bourdieu, «l'illusion biographique», *Actes de la recherche en sciences sociales*, nº 62/63, 1986, p. 69).

Numa última parte, constatando que «a abordagem das histórias de vida é por um lado um eixo de reflexão epistemológica e metodológica e, por outro, um movimento de práticas sociais», os autores, no capítulo dedicado a como fazer histórias de vida, apresentam a seguinte tipologia: *a notícia biográfica*, próxima do inquérito por questionário; «récita» de práticas – exemplo: como é que se chega a padeiro?; *entrevista biográfica* – o narrador conta a sua história e o investigador opera uma leitura, reorganizando as informações fornecidas; *história de vida social aprofundada* – a narrativa inscreve-se numa série de entrevistas, e o investigador não é só um bom ouvinte, mas estabelece uma relação profunda com o narrador, nas diferentes fases do trabalho; *a autobiografia* – no sentido restrito, trata-se de um texto ou parte da totalidade da biografia, feita pela pessoa a ela própria; *história de vida de grupo* – trata-se de fazer biografias cruzadas de pessoas que venceram situações comuns; *história de vida em grupo* – em grupo de formação, diferentes pessoas apresentam os seus percursos, dando origem a escritos individuais ou colectivos.

RICARDO VIEIRA